

A construção do percurso tensivo no livro "O Conde de Monte Cristo"

The construction of the tensive path in the book "The Count of Monte Cristo"

Jennyffer Steffanny Pereira da SILVA

Universidade de São Paulo – USP
jenny.stheffanny@usp.br



Resumo: Neste artigo, analisaremos a tradução de Herculano Villas-Boas (2017, 1ª edição) do livro *O Conde de Monte Cristo*, um romance clássico e renomado da literatura francesa, que foi escrito por Alexandre Dumas e publicado entre 1844 e 1846, em formato de folhetins diários. Como ferramenta teórica e metodológica utilizaremos a semiótica tensiva, desenvolvida por Zilberberg, a partir das categorias ou valências que circunscrevem os eixos de intensidade e extensidade. Para isso, a análise se voltará para os percursos tensivos dos atores principais da obra, considerando, sobretudo, o andamento, a tonicidade, a temporalidade e a espacialidade dos acontecimentos decisivos e determinantes da história, tendo em vista como essa construção tensiva conduz as transformações basilares responsáveis pelo desenvolvimento e desencadeamento do romance. Como resultado central, pudemos constatar como os aspectos sensíveis, mais especificamente a intensidade tônica, é responsável por sensibilizar e atrair a atenção do destinatário leitor ao texto.

Palavras-chave: semiótica tensiva; *O Conde de Monte Cristo*; Romantismo; intensidade; tonicidade.

Abstract: In this article, we will analyze the translation by Herculano Villas-Boas (2017, 1st edition) of the book *The Count of Monte Cristo*, a classic and renowned novel in French literature, which was written by Alexandre Dumas and published between 1844 and 1846, in format of daily serials. As theoretical and methodological tools we will use tensive semiotics, developed by Zilberberg, based on the categories or valences that circumscribe the axes of intensity and extensity. To this end, the analysis will turn to the tensive paths of the main actors in the work, considering, above

all, the progress, tonicity, temporality and spatiality of the decisive and determining events of the story, taking into account how this tensive construction leads to the basic transformations responsible for the development and triggering of the novel. As a central result, we were able to see how sensitive aspects, more specifically tonic intensity, are responsible for sensitizing and attracting the reader's attention to the text.

Keywords: tensive semiotics; *The Count of Monte Cristo*; Romanticism; intensity; tonicity.

1 INTRODUÇÃO

O livro *O Conde de Monte Cristo* é um romance clássico da literatura francesa, que foi escrito por Alexandre Dumas e publicado em formato de folhetins diários entre 1844 e 1846. A história aborda a vida de Edmond Dantès, um marinheiro bom e ingênuo que foi preso injustamente, vítima da cólera, do ciúme e da inveja de quatro pessoas que se beneficiariam com a privação de sua liberdade: Fernand, Danglars, Villefort e Caderousse. Ao ser considerado traidor político e aliado bonapartista por falsa acusação, Dantès acaba sendo enviado para o calabouço do castelo de If e permanece aprisionado durante catorze anos, até o dia em que consegue escapar. Ele, então, parte em busca de vingança e se aproxima de todos aqueles que seriam seus inimigos, assumindo, assim, uma nova identidade, como o poderoso e influente conde de Monte-Cristo. Posto isso, neste artigo, escolhemos analisar a tradução de Herculano Villas-Boas (2017, 1ª edição), tendo em vista a valiosa conjuntura do enredo da obra e que contribuiu significativamente para o movimento literário romântico, vide a sua notoriedade, tornando-se assim um dos romances mais traduzidos no mundo.

O Romantismo foi um movimento artístico, estético, cultural, político e filosófico que surgiu nos séculos XVIII e XIX durante a Revolução Industrial na Europa, mas que se espalhou por diversos países, buscando instituir uma visão de mundo contrária ao racionalismo da época e aos valores clássicos, e adotando como ponto central o indivíduo e suas singularidades. Tendo se propagado por diferentes campos, como literatura, pintura, música, arquitetura e arte, os autores românticos passaram, então, a retratar os amores trágicos, o escapismo, a natureza humana, os ideais utópicos, o nacionalismo, o lirismo, o sentimentalismo avivado e a subjetividade. Na França, o Romantismo irrompe em meio à agitação política e social provocada pela Revolução Francesa, movimento com foco na liberdade e na igualdade de direitos. É importante mencionar que a obra remete a fatos históricos importantes, como a queda e o exílio de Napoleão Bonaparte, a sua forte rivalidade com Luís XVIII, bem como a supremacia política e econômica burguesa.

O Conde de Monte Cristo foi inspirado no fatídico drama real vivido por François Picaud e que foi documentado por Jacques Peuchet através de um registro encontrado nos arquivos da polícia francesa. A história original se passa no ano de 1807, em Paris, e Picaud foi um artesão que consertava calçados; um homem prestes a se casar com uma jovem moça burguesa. Picaud foi visitar Mathieu Loupian, um cafeteiro conhecido por sua inveja, que estava acompanhado de seus três amigos. Por não ser a favor da união

do casal, Loupian intervém dizendo ao comissário da polícia que Picaud era um espião dos ingleses, no intuito de intimá-lo, interrogá-lo e desse modo, adiar o seu casamento. No dia anterior à cerimônia, Picaud foi retirado de sua casa, e nem sua noiva, seus familiares e amigos tiveram mais notícias dele desde então. Dumas ficou fascinado com o que lera, mas optou por trocar os nomes dos envolvidos, as suas profissões, assim como outras informações contextuais. Dessa forma, semelhante com a história real, o livro retrata a vida de Dantès, um homem que foi preso no dia de seu noivado com Mercedes em decorrência do ciúme e da inveja sentida por Fernand, o primo apaixonado da moça.

Para a análise da obra utilizamos como aparato teórico e metodológico a semiótica tensiva, um dos desenvolvimentos atuais da semiótica francesa, e é mais comumente definida como “o lugar imaginário em que a intensidade – ou seja, os estados de alma, o sensível – e a extensidade – isto é, os estados de coisas, o inteligível – unem-se uma à outra” (Zilberberg, 2011, p. 66). Foi Claude Zilberberg quem adotou esse novo caminho para a semiótica, mais vinculado aos fenômenos sensíveis e imponderáveis que permeiam os processos de significação. Em suma, “o projeto do semioticista francês era exatamente este: procurar o ritmo, o tempo, o afeto, o acento e demais concepções tensivas no âmago da própria estrutura” (Tatit, 2019, p. 12).

Zilberberg voltava-se para a “surpresa”, pela imprevisibilidade que surge na ordem lógica da construção do sentido, objetivando representar a sua forma emergente como uma espécie de “gramaticalização” semiótica dos fenômenos. Desse modo, ele “se empenhou em gramaticalizar nossas vivências e emoções, não vendo qualquer paradoxo na expressão ‘gramática do afeto’” (Tatit, 2019, p. 13-14). Com tais conceituações postas, o objetivo central desta pesquisa é analisar os eixos de intensidade e extensidade dos percursos tensivos dos atores principais, focalizando sobretudo o andamento, a tonicidade, a temporalidade e a espacialidade da história, tendo em vista a importância da construção tensiva no desenvolvimento do livro de Dumas, pois sendo mais que um romance ficcional de aventura, merece ser analisado com mais aprofundamento no que concerne aos fundamentos que regem a semiótica de linha francesa. Na próxima seção, portanto, faremos uma síntese dos aspectos centrais da teoria e, em seguida, passaremos para a análise textual propriamente dita.

2 CONCEPTUALIZAÇÕES TENSIVAS

Para a intensidade, os valores são considerados de “absoluto”, e é

onde domina o foco; para a extensidade, os valores serão considerados de “universo”, e é onde domina a apreensão, o que significa dizer que:

No caso dos valores de absoluto, parece que a triagem e o fechamento intervêm como operadores principais, tendo por benefício a ‘concentração’, enquanto os valores de universo pedem o concurso da mistura e da abertura, tendo por benefício a ‘expansão’ (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 47).

Destarte, a correlação conversa, como o próprio nome já diz, seria uma relação de convergência, concernente a um aumento da intensidade que corresponde, por conseguinte, a um aumento da extensidade, abarcando, ademais, o regime de participação, denominado de implicação. A correlação inversa, por sua vez, se refere a um aumento da intensidade correspondente a uma diminuição da extensidade, e compreende ao regime exclusivo, denominado concessivo. Em suma, o regime de exclusão tem por operador a triagem, e o regime de participação tem por operador a mistura.

Na intensidade trata-se do par impactante vs. tênue, enquanto que na extensidade é o concentrado vs. difuso; cabendo-nos destacar aqui que “na perspectiva tensiva, a intensidade, ou seja, a afetividade, rege a extensidade” (Zilberberg, 2011, p. 17). Os valores de absoluto podem ser considerados como de impacto e concentrados, em contraposição aos valores de universo, que são tênues e difusos. Concisamente, “(i) a intensidade une o andamento e a tonicidade; (ii) a extensidade une a temporalidade e a espacialidade” (Zilberberg, 2011, p. 69); já a tonificação corresponde à acentuação, o “acento do sentido”; e a atonização, o enfraquecimento. Além do mais, enquanto que a brevidade e a longevidade medem a duração, o andamento trata da aceleração e da desaceleração, da rapidez e da lentidão. Tais princípios foram concebidos por Zilberberg tendo em vista uma espécie de “prosodização do conteúdo”, com acentos e modulações, ascendentes ou descendentes, visando não apenas ao funcionamento prosódico das línguas naturais, mas também aos aumentos e diminuições que caracterizam a apreensão do sentido abstrato das coisas, bem como a organização do mundo sensível e afetivo.

O acontecimento também é um conceito central da tensividade: ele “se realiza como uma intrusão, uma ‘penetração’, uma ‘brutalidade eficaz” (Zilberberg, 2011, p. 23); seria como um ato que desapropriasse o sujeito de suas competências modais, transformando-o em um sujeito do sofrer e aniquilando a duração temporal. “O acontecimento, por sua qualidade de tonação acentual, remete à tonicidade, enquanto por sua brevidade, sua irrupção, remete à celeridade do andamento” (Zilberberg, 2011, p. 132); temos aqui então um andamento extremo – o da

instantaneidade –, e uma tonicidade superior. “Refere-se, portanto, ao fenômeno que sobrevém no campo de presença do sujeito, amparado por cifras de alta velocidade e tonicidade” (Tatit, 2019a, p. 49); e pertencente ao regime concessivo.

Desse modo, “figura do inesperado, o acontecimento não poderia seriamente ser *visado*, ou seja, antecipado. O acontecimento não pode ser apreendido senão como algo afetante, perturbador, que suspende momentaneamente o curso do tempo” (Zilberberg, 2011, p. 169). Assim, devido ao seu andamento rápido demais, temos uma intensidade forte, enquanto que o inteligível é nulo. “Portanto, a racionalidade própria ao universo da paixão é aquela do acontecimento: o acontecimento não é acabado, ele advém e afeta aquilo que está diante dele, para quem ou em quem ele advém” (Fontanille, 2019, p. 188). Em suma, “sua ênfase recai sobre o caráter inesperado e quase inapreensível de sua ocorrência. Dotado invariavelmente de alta intensidade e forte concentração, o acontecimento é fruto de aparição repentina (o que sobrevém ao sujeito)” (Tatit, 2018, p. 49).

Ademais, ainda temos as direções de ascendência e descendência na tensividade. Elas “apresentam-se como as duas esferas disjuntas da existência semiótica imediata: a vivência” (Zilberberg, 2011, p. 25). Desse modo, segundo Tatit (2020), no movimento ascendente temos duas principais partições: o restabelecimento (menos menos) e o recrudescimento (mais mais). O restabelecimento subdivide-se em retomada e progressão; e o recrudescimento em ampliação e saturação. Já na orientação descendente, temos a atenuação (menos mais) – que pode ser moderada ou diminutiva – e a minimização (mais menos). No percurso ascendente, parte-se da extinção/extenuação ou vacuidade (somente menos) até chegar na plenitude ou saturação (somente mais); já no percurso descendente, é o contrário. Além disso, no espaço tensivo podemos ir então do relaxamento (continuação da continuação) à tensão propriamente dita, mas também há a distensão (parada da parada), a contenção (parada da continuação) e a retenção (continuação da parada). Zilberberg “sentia que o pensamento analítico utilizado para gerar suas categorias narrativas e discursivas não contemplava os conteúdos emocionais e as oscilações de afetos que participavam de quase todos os textos, especialmente os de natureza artística” (Tatit, 2019b, p. 90); daí a necessidade da implementação de tais categorias de análise na semiótica.

3 ANÁLISE TENSIVA DA OBRA: ARCOS DE INTENSIDADE E EXTENSIDADE

O percurso tensivo da obra passa por distintos graus de intensidade e extensidade, com picos mais ou menos altos, variando entre

os importantes eventos que desencadeiam e transformam o rumo da história. Dessa forma, nesta parte da seção, nos voltaremos, sobretudo, para os níveis de tonicidade e atonicidade dos fatos, com o auxílio de alguns gráficos que ilustram as oscilações dos pontos principais dos percursos dos principais atores do enredo, através dos chamados “arcos tensivos”. Sinteticamente falando:

O arco tensivo é o desenho da interface sensível de uma obra, um perfil que se constrói a partir da alternância entre momentos de impacto (mais fortes ou mais tênues) e momentos brandos (em graus de atonia), isto é, entre saliências (acentos) e “passâncias” (inacentos), que se alternam em ascendências e descendências de maior ou menor grau (Mancini, 2020, p. 25).

Assim, inicialmente na história, a intensidade encontra-se átona, a temporalidade lenta e a espacialidade difusa, em virtude da sensação de segurança, tranquilidade e confiança que Dantès e Mercedes tinham pela aproximação do tão aguardado dia do noivado. Em contrapartida, Danglars, Fernand e Caderousse situavam-se na intensidade tônica, com a temporalidade acelerada e a espacialidade concentrada, já que o trio voltava todo o seu foco diretamente para o apaixonado e feliz casal, em decorrência da cólera e da inveja que sentiam de Dantès. Porém, convém destacar que, desde o começo, os níveis entre os três se diferenciavam, tendo em vista que para Danglars e Fernand as cifras tensivas se localizavam em mais alto ponto do que para Caderousse, pois os seus sentimentos de inimizade sempre foram mais fortes que os dele.

Para os amigos, o regime de triagem, os valores de absoluto se sobressaíam, considerando que eles visavam somente aos seus próprios interesses, e agindo com perversidade contra o pobre e ingênuo Dantès para conseguirem o que queriam, conforme mostra o trecho de uma conversa entre Fernand e Danglars: “Se, depois de uma viagem como a que Dantès acaba de fazer, passando por Nápoles e pela ilha de Elba, alguém o denunciasse ao procurador do rei como agente bonapartista...” (Dumas, 2017, p. 47). Essa concentração e conseqüentemente a “necessidade” do regime de exclusão de Dantès partem do desejo de posse, exclusividade e apego sentidos por Fernand para com a encantadora Mercedes, e da ambição descomedida de Danglars. Essa rivalidade faz com que o marinheiro seja visto como o antissujeito e, portanto, o que deveria ser excluído pelos demais, merecendo nada menos que o lamentável destino solitário e de sofrimento no castelo de If. Desse modo, a demasiada insatisfação de Fernand e Danglars voltava-se para a saturação (mais mais) da partição do recrudescimento, elevando a intensidade em alta tonicidade, dado os seus profundos estados de oposição e descontentamento. Para

Caderousse, o seu estado era voltado para o restabelecimento (menos menos), visto que a sua contrariedade com Dantès não era tão acentuada quanto a dos outros dois.

Convém destacar que tais estados têm o seu surgimento na paixão da cólera, como resultado da espera frustrada pelo amor de Mercedes e pelo posto de capitão no navio Faraó, o que os leva ao programa narrativo da malevolência ao quererem fazer mal ao sujeito, pela não conjugação com os objetos pretendidos. Ademais, do ponto de vista dos opositores, também temos uma tensão orientada para uma distensão (parada da parada), já que da reunião realizada por eles nasce o plano malevolente da carta conspiradora, que afasta conseqüentemente Dantès para bem longe e o leva direto para a prisão.

No dia do noivado do casal, é quando temos o maior pico de intensidade tônica de Fernand, em razão da sua inquietude, sofrimento e temor ao crer que iria perder a mulher que amava, mesmo já tendo agido contra Dantès e o denunciado pelo crime de traição política, segundo o excerto que se segue: “Fernand fechou os olhos; uma nuvem de fogo queimava as suas pálpebras; ele apoiou-se na mesa para não desmaiar” (Dumas, 2017, p. 53). Dessa forma, a sua inquietude tornava-se cada vez mais ascendente, indo do restabelecimento para o recrudescimento, em razão da agonia que sentia pela tão apreensiva espera. A sua aflição só é amenizada e cessa quando Dantès finalmente é levado pelo comissário de polícia, dando fim, portanto, à comemoração que estava sendo celebrada no local.

Já no interrogatório realizado por Villefort, o substituto do procurador do rei, a sua intensidade, que era completamente átona, vai aumentando até chegar no ápice da saturação do recrudescimento, como podemos ver no fragmento: “A expressão de Villefort ensombrecia-se cada vez mais, à medida que ele aproximava-se do fim; os seus lábios pálidos, as suas mãos trêmulas, os seus olhos ardentes [...]” (Dumas, 2017, p. 80). Nesse sentido, o seu pavor se deve à possibilidade de descobrirem que, na realidade, quem era o verdadeiro culpado de traição política era o seu pai, o Sr. Noirtier, e não Dantès. Por se tratar de um sujeito submetido à paixão do medo, o seu estado decorre do receio em perder o que tem ou do temor em ser sancionado punitivamente, e, assim, para não se desapoderar dos bens que possuía, do seu belo casamento vantajoso e se resguardar, Villefort decide, então, dar continuidade ao esquema que fora arquitetado anteriormente pelos oponentes de Dantès, e o mantém, portanto, na retenção (continuação da parada) ao mandar o jovem marinheiro para um paradeiro desconhecido e prolongando ainda mais a sua angústia.

Dessarte, ao agir dessa maneira com Dantès, irrompe uma forte mudança de estado em Villefort, pela sua infindável sensação de alívio:

“Então de repente um clarão inesperado pareceu passar por seu espírito e iluminou o seu rosto, um sorriso desenhou-se em seus lábios ainda crispados” (Dumas, 2017, p. 82). O seu percurso segue para outra direção, portanto, pois da saturação tônica provocada pelo medo, passa-se ao restabelecimento, que se segue até chegar na atenuação. Além do mais, do seu estado de tensão anterior ocorre a transformação para o completo estado de relaxamento, suscitado pela segurança em saber que os seus bens, o seu cargo e a sua posição social estavam assegurados e preservados, já que o único que poderia arruinar isso estava totalmente aniquilado. Em suma, da tonificação acentuada antecedente passa-se agora para o enfraquecimento da atonização, tendo como benefício a expansão espacial e um andamento mais longo e desacelerado em virtude da garantia de poder respirar aliviado pela permanente conjunção com a sua fortuna e poder.

Convém destacar que Caderousse é o único dos envolvidos na prisão que demonstra que sente alguma culpa ou remorso pelo que acontecera com o seu vizinho Dantès – mesmo que não tenha feito absolutamente nada para reverter tal situação –, o que o situa no regime concessivo e conseqüentemente inverso em comparação aos outros três sujeitos. Dessa forma, assim como acontece com Villefort, da acentuada intensidade atribuída anteriormente a Fernand e Danglars, segue-se agora para a completa atonização, em razão da satisfação plena pela injusta prisão de Dantès. Por outro lado, Caderousse é quem passa a ter uma intensidade mais acentuada, decorrente do sentimento de culpabilidade que pode ser remetido à sua consciência pesada. Mercedes, por sua vez, é a que ficou mais devastada por não ter mais notícias do seu amado, dado o caráter abrupto e inesperado do acontecimento de disjunção que sobreveio ao casal, pois finalmente esperavam se casar, mas tiveram os seus planos arruinados por um complô conspiratório. Desse modo, do seu estado feliz e átono inicial, passa-se para a tonificação, vide a sua descomunal tristeza e espanto, como podemos constatar no trecho: “sentada na praia, ouvindo o gemido do mar, eterno como a sua dor, perguntando-se sem cessar se não valeria mais a pena inclinar-se adiante, em vez de continuar a sofrer assim todas as cruéis alternativas de uma espera sem esperança” (Dumas, 2017, p. 130). Dessarte, o seu percurso, que se encontrava na minimização, torna-se cada vez mais ascendente, partindo da progressão do restabelecimento até chegar à ampliação do recrudescimento, tendo em vista o profundo sentimento de desconsolo e melancolia que abate a jovem Mercedes.

Passando então para o próprio Dantès, podemos identificar que o regime de exclusão, que tem como operador o fechamento fornecido pela triagem, teve pleno resultado, tendo em vista que os seus rivais

conseguiram excluí-lo completamente da sociedade ao mandá-lo a quilômetros de distância de todos que o conheciam. Nesse caso, constatamos uma correlação inversa denominada concessiva, considerando que o marinheiro estava prestes a se casar com a mulher que amava e em conjunção com uma carreira de sucesso, mas que do dia para a noite tudo veio a mudar, perdendo a carreira, a mulher com quem iria se casar e até mesmo a relação afetuosa com o seu estimado, mas já velho pai. Isso significa que os rivais de Dantès visavam à contenção, ou seja, à parada, à interrupção da sua plenitude e êxito, em virtude dos sentimentos passionais que os dominavam, como a cólera, o ciúme, a inveja etc. Dessa maneira, ao se dar conta do que fora alvo, e com a ajuda do seu amigo abade, a sua intensidade vai se tornando cada vez mais ascendente, indo da ampliação até atingir a saturação da partição do recrudescimento, o que lhe acaba despertando o fervoroso e imensurável sentimento de vingança, de acordo com o excerto: “desejava àqueles desconhecidos todos os suplícios imaginados pela sua ardente imaginação; achava que para eles os mais terríveis suplícios seriam brandos demais, sobretudo breves demais” (Dumas, 2017, p. 144). Vale ressaltar que é durante o período na prisão que temos o maior nível de intensidade de Dantès.

Conforme o tempo vai passando e ao não ter respostas que pudessem intervir na sua infeliz situação dentro da prisão, Dantès passa a ser um sujeito mais violento e a ter constantes acessos de fúria, segundo passagens do texto como: “Edmond lançava blasfêmias que levavam o carcereiro a recuar de horror – feria o corpo contra as paredes da prisão, tinha acessos de fúria contra tudo o que o cercava, principalmente contra si mesmo” (Dumas, 2017, p. 144). Dessa forma, o seu foco se volta totalmente para os valores de absoluto, dado que do descobrimento da carta-denúncia de que fora vítima resultou seu incalculável desejo de atentar contra os organizadores de tal mancomunação, fazendo, portanto, com que todos os seus esforços se concentrassem no forte e pujante ato de se vingar. Ademais, também temos um andamento rápido, acelerado e um espaço concentrado em razão do traço de ímpeto que pode ser atribuído ao seu estado turbulento e descontrolado, correspondente a uma elevada tonificação. Além disso, cabe-nos mencionar que Dantès permanece um bom tempo situado na retenção (continuação da parada), visto que a sua agonia, angústia e aflição apenas prosseguem, sem nenhuma possibilidade de mudança, restando-lhe somente a espera.

A acentuada intensidade tônica de Dantès torna-se descendente quando ele conhece o abade, o preso que vive na cela vizinha, e este o conquista com o seu jeito afetuoso, amigo e solidário. A amizade que nasce do encontro de ambos, fruto de uma correlação conversa e dessarte

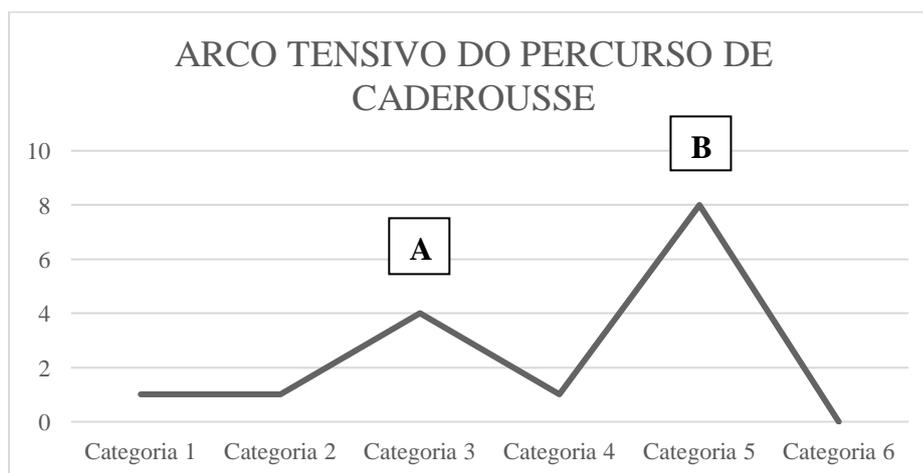
implicativa, e pertencente ao regime da participação, faz com que Dantès se torne mais otimista e esperançoso com o futuro ao planejarem juntos a fuga da prisão, atenuando, assim, o efervescente estado de impetuosidade que o dominava antes. “Então o abade mostrou a Dantès um desenho que traçara: era a planta de sua cela, da cela de Dantès e do corredor que os unia. No meio dessa galeria, desenhara um túnel semelhante ao utilizado nas minas” (Dumas, 2017, p. 181).

Com isso, ocorre, então, uma distensão, resultante do propósito de busca pela liberdade e conseqüentemente uma parada do estado de consternação ou de desesperança sentida até então pelos dois amigos. No entanto, ao encontrar-se sozinho após a fuga, e em meio à imensidão do mar, já que o abade viera a falecer antes de conseguir escapar, a intensidade de Dantès volta a ser ascendente, acompanhada de uma espacialidade concentrada e um andamento acelerado, em virtude do pavor que sentia ao cogitar ser capturado novamente por algum guarda da prisão. A sua tensão diminui somente quando é resgatado por um navio, o que o faz se sentir acolhido e seguro outra vez pelo capitão e pela tripulação daquela embarcação.

Enquanto esteve em busca do tesouro deixado pelo abade na ilha de Monte-Cristo, Dantès continuou na atonicidade da apreensão tênue do eixo de extensidade, agora com uma espacialidade e uma temporalidade mais difusa e desacelerada, visando a dar prosseguimento ao seu estado de relaxamento e de despreocupação atual. Isso só muda quando Dantès, aqui já tendo adquirido a identidade como o respeitado conde de Monte-Cristo, inicia o seu percurso da vingança, adotando uma postura de Providência e punindo os seus inimigos, tendo em vista que “ele renovou contra Danglars, Fernand e Villefort aquela promessa de implacável vingança que já pronunciara na prisão” (Dumas, 2017, p. 223). O primeiro a sofrer as conseqüências é Caderousse, que ao invadir a mansão do conde e tentar apunhalá-lo com uma faca, fez com que ele reagisse e invertesse a situação a seu favor, agarrando e contorcendo o punho de Caderousse até derrubá-lo completamente indefeso ao chão. Tal luta estabelece uma correlação inversa e concessiva, assim como uma intensidade tônica resultante dos valores de impacto e concentrados de ambos. Isso significa dizer que do ponto de vista de Caderousse, temos uma contenção (parada da continuação), tendo em vista que ele objetivava prejudicar o conde ao querer roubar a sua residência e feri-lo; e do ponto de vista de Monte-Cristo temos uma distensão (parada da parada), em razão do seu revide inesperado ao violento ataque sofrido por Caderousse. Dessa maneira, cabe-nos mencionar que o conde o liberta depois de ele pedir por piedade, porém, Caderousse acaba sendo assassinado pelo seu antigo comparsa e filho de

Villefort, por receio de que fosse denunciado como o responsável pelo plano de invasão da casa de Monte-Cristo. É assim que da tonificação acentuada do combate entre ambos, passa-se à atonicidade, com o abrupto falecimento de Caderousse.

Figura 1 – Representação Visual do Arco Tensivo do Percurso de Caderousse



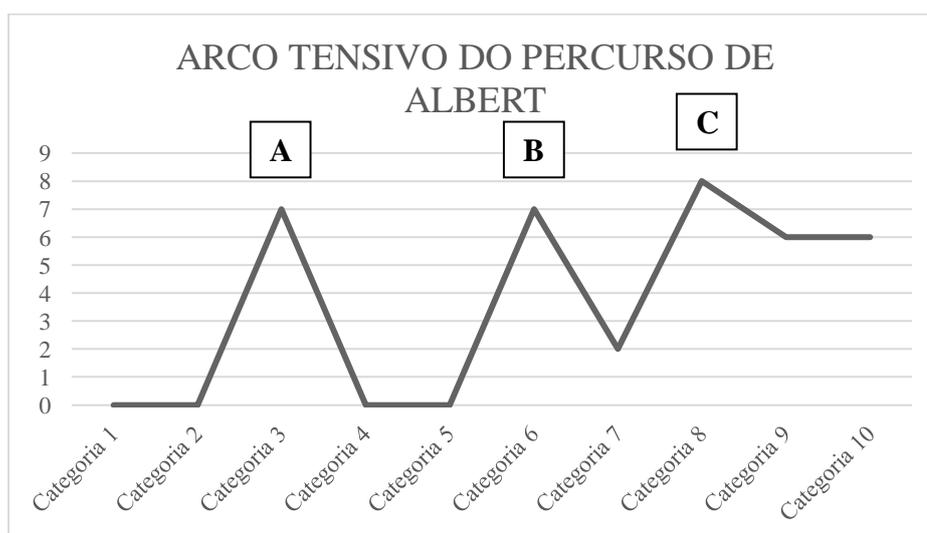
Fonte: Elaborado pela autora, 2024

No gráfico, o eixo vertical localiza a tonicidade e a atonicidade, que vai do mínimo (0) para o máximo (10), e no horizontal reside o desenvolvimento e os principais acontecimentos da história. O ponto A se refere a quando Dantès é preso e Caderousse se sente responsável, e o ponto B seria quando Monte-Cristo lhe confessa abertamente o que fizera e quem ele é de fato, um pouco antes de Caderousse vir a falecer, ao sofrer o ataque de Benedito, o filho de Villefort.

Antes de passarmos para o percurso tensivo de Fernand, cabe-nos mencionar que, para conseguir o que pretendia, Monte-Cristo precisou se aproximar do filho dele, Albert de Morcerf, salvando-o de um sequestro durante o período de carnaval em Roma. Há, assim, uma distensão (parada da parada), tendo em vista que o conde vai até Vampa, o sequestrador, para dar fim à captura do jovem visconde e devolvê-lo em segurança para a sua família, com o intuito de ganhar a confiança de Mercedes e Fernand, e se vingar. Em relação a Albert, a intensidade entre o jovem e Monte-Cristo oscila sobretudo em três momentos distintos: primeiro, ao ser salvo do sequestro, ela encontra-se em completa atonia pela amizade construída entre ambos; segundo, ao descobrir que foi o conde quem vazou a informação de que seu pai era criminoso nos tempos de soldado e lhe propõe um duelo, a intensidade passa a ser completamente tônica; e, por

último, ao saber dos verdadeiros motivos do conde para ter feito o que fez, ele o perdoa e ela volta a ser átona. Assim, da extenuação, ela sobe em direção para o recrudescimento e depois desce novamente, passando pela atenuação e seguindo em direção à minimização.

Figura 2 – Representação Visual do Arco Tensivo do Percurso de Albert

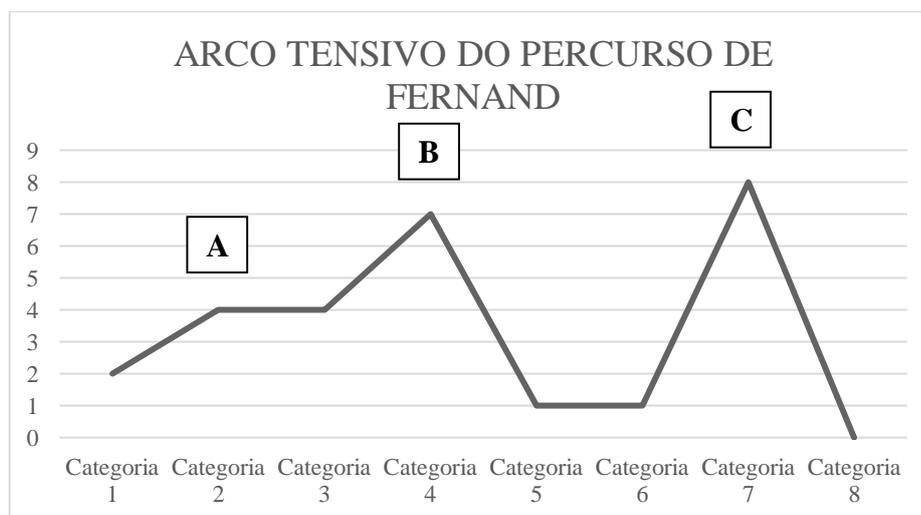


Fonte: Elaborado pela autora, 2024

O ponto A vincula-se, portanto, ao dia do sequestro no carnaval de Roma. Já o ponto B corresponde às emoções sentidas por Albert ao saber que o seu – até então – amigo, o conde de Monte-Cristo, havia vazado informações a respeito de seu pai, e ao duelo estabelecido entre ambos. O ponto C, no entanto, evidencia o profundo abatimento do jovem rapaz ao saber de todo o passado envolvendo seus pais e Monte-Cristo, e pela perda de seu pai, conforme mostraremos a seguir.

Passando agora para a tensividade de Fernand, ao ser julgado e considerado culpado pelos crimes que cometera no passado, e ao saber que Monte-Cristo era, de fato, Edmond Dantès, a sua intensidade, que era átona, passa a ser fortemente saturada. Tal acontecimento, que é algo que sobrevém sem que a sua chegada possa ser previamente sentida ou antecipada, acaba gerando, por conseguinte, um andamento temporal rápido e impactante, e uma espacialidade concentrada. Desse modo, o seu susto foi tão acentuado ao saber que Dantès ainda estava vivo e por trás do seu julgamento, que Fernand saiu correndo em direção ao palácio para se despedir de sua esposa e filho, porém, tarde demais, pois os dois já estavam de partida; continuando assim a parada de retenção do seu percurso. Seu sofrimento prosseguiu até o exato momento em que decidiu atirar contra si mesmo dentro de sua residência, dando fim, então, à sua triste vida solitária.

Figura 3 – Representação Visual do Arco Tensivo do Percurso de Fernand

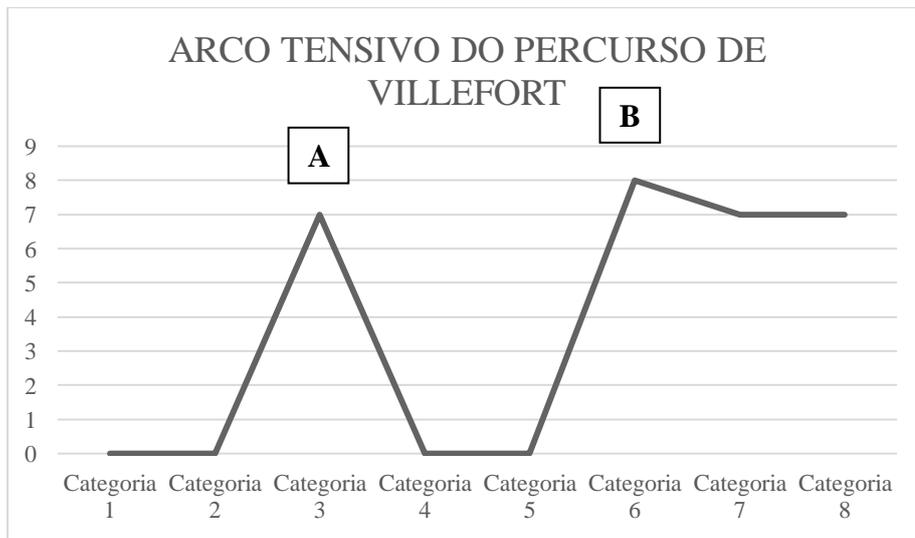


Fonte: Elaborado pela autora, 2024

O ponto A se refere a quando Fernand passa a se dar conta da seriedade da relação entre Mercedes e Dantès, e começa a planejar a melhor maneira de se livrar do seu rival. Já o ponto B se situa no dia do noivado e representa toda a inquietude e o temor sentidos por Fernand. Por fim, o ponto C corresponde aos seus últimos dias de vida, a começar pelas duras audiências no tribunal, e encerrando-se no dia em que descobre sobre Dantès e presencia a partida, o abandono de sua família.

Assim como os outros três, Villefort sempre foi um sujeito que visava para si próprio aos valores de absoluto do regime exclusivo de concessão, o que provoca o regime de exclusão de outrem, como no caso de Monte-Cristo, que acabou sendo vítima de uma injustiça para que ele não se prejudicasse ou perdesse seus bens e privilégios. Do estado átono de Villefort, passa-se ao completo recrudescimento em razão de toda a perda que o acaba acometendo, como a morte de sua mulher e filho por envenenamento, o julgamento e a prisão de seu outro filho, culpado pela morte de Caderousse, e também por acreditar que sua filha Valentine havia sido morta ao ingerir o veneno mortal. Assim, do ponto de vista do conde, a correlação seria conversa e implicativa, já que de tais ações maléficas cometidas por Villefort, o retorno só poderia ser o de sua completa ruína. O seu desfecho acaba sendo o da absoluta loucura, permanecendo, portanto, no percurso da retenção até o fim dos seus dias.

Figura 4 – Representação Visual do Arco Tensivo do Percurso de Villefort



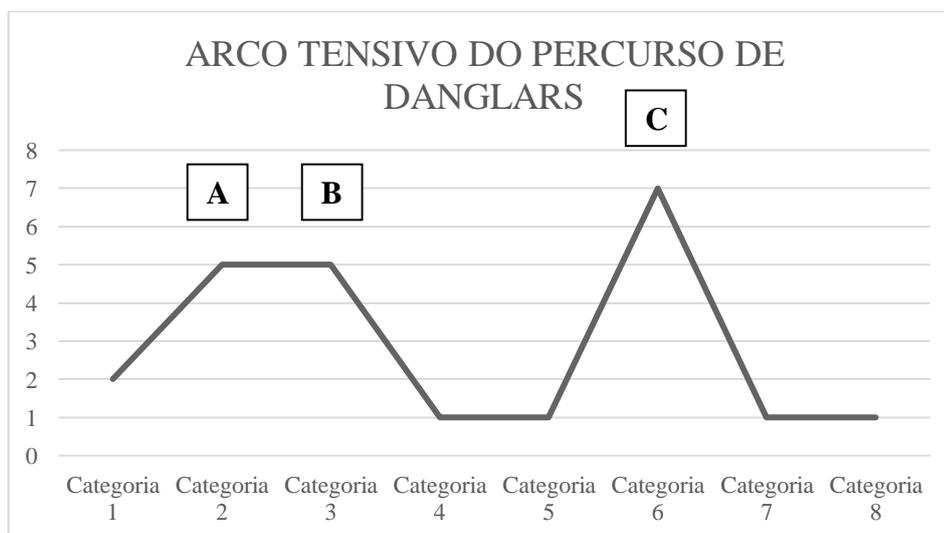
Fonte: Elaborado pela autora, 2024

O ponto A da cifra tensiva de Villefort corresponde ao dia em que ele interroga Dantès e descobre que, na verdade, o endereço da carta incriminatória se dirigia diretamente para a residência de seu pai. Em seguida, podemos ver uma brusca queda assim que ele decide agir contra o marinheiro, ao sentenciá-lo à prisão. O ponto B, por sua vez, reflete o dia em que ele assiste ao julgamento de seu filho Benedito e encontra os corpos de sua esposa e filho mortos em sua casa.

O último a sofrer a vingança de Monte-Cristo é Danglars. Para conseguir o que desejava, Danglars sempre aplicava o regime da triagem quando necessário, que tem como benefício a concentração e o fechamento no objeto visado para a sua conjunção, como no caso de Dantès e o seu cargo de capitão no navio Faraó. Ao ser mantido refém por Vampa mediante ordem do conde, a sua tonicidade se situava no recrudescimento em razão do temor que sentia pelo seu futuro incerto.

Entretanto, ao se mostrar arrependido para Monte-Cristo, ele o acaba perdendo, o que faz com que o percurso se torne descendente, atenuando-se até chegar no estado de minimização. Dessa maneira, ocorre aí uma correlação conversa implicativa, uma vez que, se há arrependimento, então pode haver perdão entre um sujeito e outro. Ademais, realiza-se uma distensão em direção a um relaxamento, pois o conde dá fim à agonia sofrida por Danglars, e ele sente-se aliviado ao ser finalmente libertado. Assim, da intensidade tônica passa-se à atonização, da celeridade à lentidão e da concentração para à difusão tênue.

Figura 5 – Representação Visual do Arco Tensivo do Percurso de Danglars

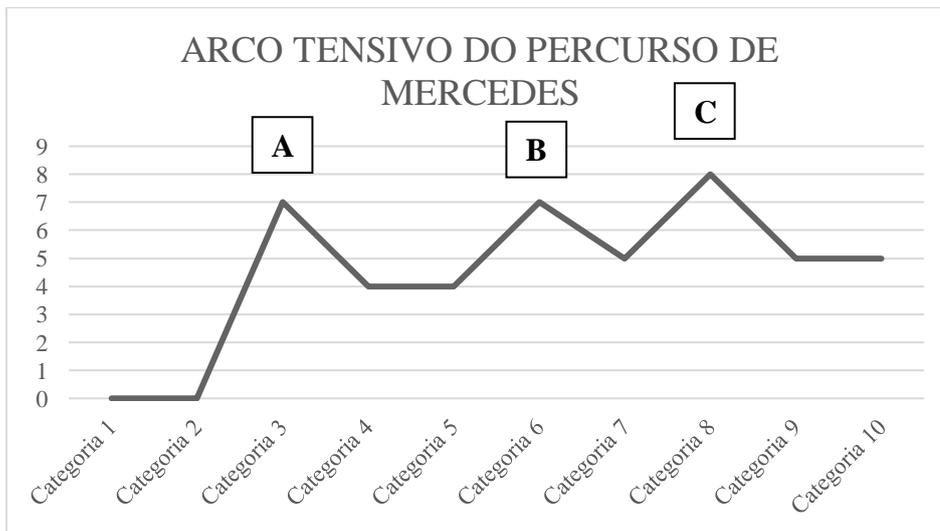


Fonte: Elaborado pela autora, 2024

O ponto A de Danglars é quando ele recebe a notícia de que Dantès seria o novo capitão do navio que desejava comandar. A sua tonicidade mantém-se a mesma até o momento em que ele e seus amigos escrevem a carta de denúncia, e até o exato dia da celebração de noivado, que seria o ponto B. Ela só diminui quando Danglars finalmente vê que o plano fora bem-sucedido e Dantès some sem deixar rastros. Por último, o ponto C diz respeito ao sequestro sofrido e ao constante estado de alerta e medo de Danglars.

Passando agora para o desfecho do livro, Mercedes termina em completa extenuação ou extinção do estado de esperança, decorrente da profunda culpa que sentia pelo destino de Fernand, Dantès e seu filho Albert. Para ela, o andamento acaba sendo desacelerado e, portanto, lento, como se o tempo estendesse ainda mais o seu sofrimento. Além disso, convém destacar que a retenção é a categoria que mais se aplica à sua situação, pois mesmo que seu estado fosse de pura tensão com tudo o que viera a lhe acontecer, a sua desolação e consternação perduram sem possibilidade alguma de extinção. Ela, então, termina com uma vida simples, solitária e sem luxo algum.

Figura 6 – Representação Visual do Arco Tensivo do Percurso de Mercedes

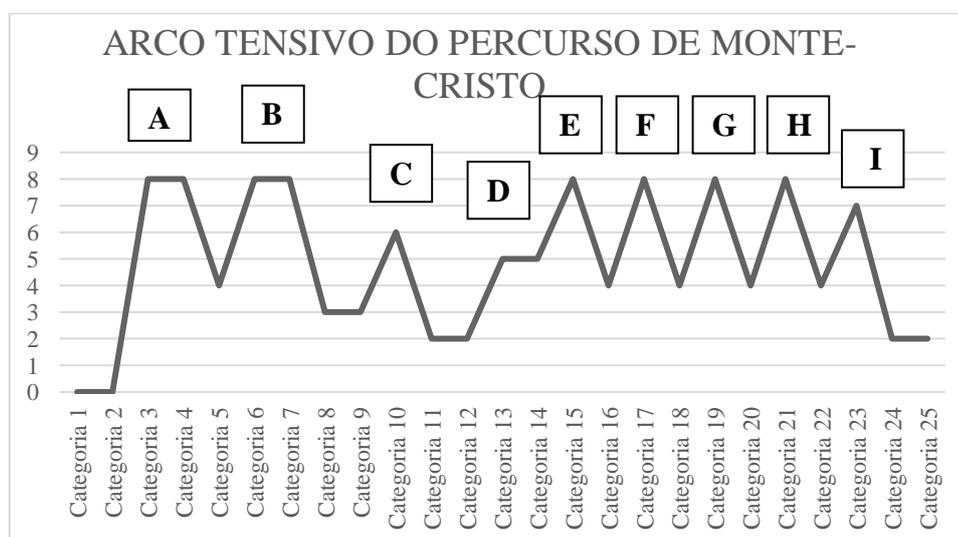


Fonte: Elaborado pela autora, 2024

O ponto A se refere ao sofrimento no dia do noivado em decorrência da prisão de Dantès. Já o ponto B concerne ao abalo sentido pela catalã ao reencontrar e reconhecer o seu ex-noivo em sua casa, ao lado de seu filho Albert. O ponto C, no que lhe diz respeito, vincula-se aos últimos acontecimentos causados na vida de Mercedes, como o julgamento e a morte de seu marido, a partida de seu filho para outro país e a sua situação atual de solidão e pobreza.

Por outro lado, Monte-Cristo encontrava-se mais otimista e positivo do que Mercedes. Os seus valores que, antes, eram absolutos, passam a ser de universo, ou seja, da mistura e da abertura tendo por benefício a expansão do regime de participação, tendo em vista que Monte-Cristo doa, abre mão de toda a sua fortuna para o seu amigo Maximilien Morrel – assim como o abade Faria lhe fizera –, por livre e espontânea vontade. Temos, então, uma intensidade tênue, átona; uma temporalidade desacelerada, lenta; e uma espacialidade difusa. Em suma, no final da obra, o seu estado finalmente passa a ser de completo relaxamento, pois, após doar a sua herança para o jovem Maximilien e sua mulher Valentine, a filha de Villefort, Monte-Cristo parte pelo mundo junto de Haydée, a grega por quem se apaixonou, deixando para trás tudo o que acontecera até então, mais confiante e esperançoso por um futuro ao lado da mulher que o amava.

Figura 7 – Representação Visual do Arco Tensivo do Percurso de Monte-Cristo

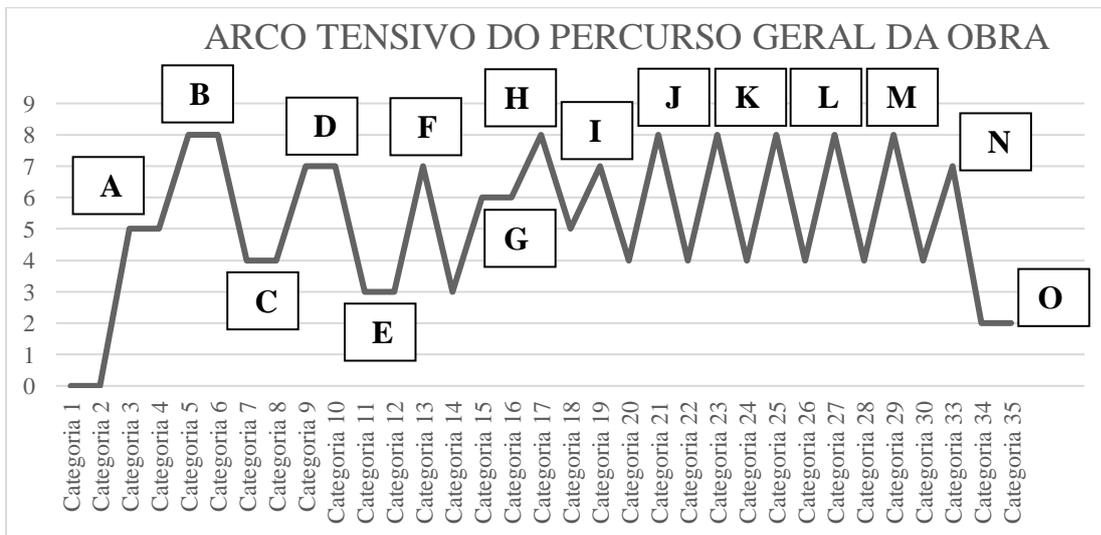


Fonte: Elaborado pela autora, 2024

O ponto A se refere à interrupção no dia de noivado do casal e prossegue até o interrogatório feito por Villefort. Ao acreditar que estava tudo resolvido e que em breve seria solto, a intensidade de Dantès despenca. Entretanto, ao perceber que permaneceria na prisão e ao descobrir como fora parar lá, ou seja, por culpa de seus conhecidos, ela se tonifica novamente, conforme mostrado no ponto B. Sua intensidade só diminui quando Dantès e o abade passam a agir juntos para escapar da prisão. Já o ponto C é o momento da fuga de Dantès, representa o seu temor em ser capturado por algum policial, porém, ao ser resgatado e encontrar-se em segurança, e depois, já em posse do tesouro, a atonicidade se estabiliza. Isso só muda quando Monte-Cristo reencontra Mercedes, Fernand e os demais responsáveis pela sua tragédia, assim como quando recebe a ameaça de duelo de Albert, como nota-se no ponto D. Já os pontos E, F, G e H correspondem, respectivamente, às vinganças cometidas contra os seus rivais: Caderousse, Fernand, Villefort e Danglars. Por último, o ponto I diz respeito ao retorno de Monte-Cristo ao castelo de If, e à despedida de Mercedes. A intensidade só abaixa, portanto, quando o conde dá adeus ao seu amigo Maximilien e segue seu novo caminho pelo mundo.

À vista do que apresentamos até aqui, veremos a seguir como se constitui o percurso tensivo geral da obra:

Figura 8: Representação Visual do Arco Tensivo do Percurso Geral da Obra



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

O ponto A se refere ao dia do noivado de Dantès e Mercedes, e ele se mantém no nível intermediário da tonicidade em razão da euforia sentida pelo casal. O ponto B acontece com a chegada do comissário de polícia, que dá a voz de prisão a Dantès e o retira de sua própria festa. No ponto C ocorre uma visível queda no arco após o interrogatório de Villefort contra Dantès, tendo em vista que Dantès fica mais tranquilizado depois de ter acreditado e confiado em Villefort, assim como o próprio Villefort, que fica aliviado pela garantia de ter a sua posição assegurada. Já o ponto D mostra o aumento do átono para o tônico, devido à espera indeterminada de Dantès na prisão. O ponto E, por sua vez, é quando Dantès se aproxima do abade Faria, ele lhe ensina tudo o que sabe e ambos passam a tentar escapar do castelo. O ponto F concerne à triste morte do abade e a fuga arriscada de Dantès. Por outro lado, Dantès ao estar em segurança e mais protegido, faz com que seu percurso se torne átono novamente, e só aumentando pela euforia provocada ao encontrar o tesouro na ilha de Monte-Cristo, vista no ponto G. Já o ponto H corresponde ao reencontro com Mercedes e Fernand, e o ponto I relaciona-se com o duelo do conde desafiado por Albert. Após Monte-Cristo e Albert resolverem seus conflitos sem precisarem lutar, o percurso tônico vai se tornando descendente. No entanto, tudo muda com as vinganças realizadas pelo conde, vistas nos pontos J, K, L e M. O primeiro a sofrer é Caderousse, o segundo é Fernand, o terceiro é Villefort e o quarto é Danglars. Ao finalmente ter conseguido o que planejara, o percurso de Monte-Cristo segue em direção à atonicidade; ele só se torna tônico mais uma vez, ao reencontrar e se despedir de Mercedes, situado no ponto N. Por último, o

ponto O trata da despedida de Monte-Cristo, de seus amigos e de sua partida na imensidão do mar junto de Haydée.

Nesse sentido, entendemos que toda obra se estabelece em um arco tensivo (um arco de modulações sensíveis), a partir do qual são dispostos – pelo enunciador – momentos tônicos ou átonos, inflexões, efeitos de aceleração/tonicidade, em contraposição aos de desaceleração e atonia, que acabam por determinar uma interface sensível do leitor com a obra (Mancini, 2019, p. 103).

Desse modo, nesta seção do artigo, buscamos analisar as maiores oscilações presentes no texto a partir, sobretudo das relações polêmico-conflituosas entre os atores e como isso recai também nas transformações passionais do romance. Conforme pudemos ver, a intensidade tônica é a que mais se sobressai entre os pontos principais, o que significa dizer que a tonicidade é que predomina no percurso dos actantes/atores em questão, em detrimento da atonicidade, e determina, portanto, quais os seguimentos e demais desenvolvimentos a tecerem e darem um desfecho concreto à obra. Isso significa dizer que momentos de grande tensão ou conflitos atraem o destinatário para o texto, ou seja, são estratégias utilizadas para de alguma forma sensibilizar o leitor e o manter preso e interessado na história.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos constatar, portanto, as variações dos graus de intensidade e extensidade dos importantes eventos que se desencadeiam e transformam o rumo da história e as oscilações presentes nos percursos dos principais atores da obra, através dos chamados “arcos tensivos”. No percurso de Fernand e Danglars, vimos que ocorrem altos picos de intensidade até conseguirem finalmente se livrar de Dantès no dia de seu noivado. No de Villefort também houve elevação na tonicidade no mais alto nível ao sentir-se amedrontado durante o interrogatório do marinheiro.

Entretanto, o percurso de Dantès, por sua vez, que inicialmente era completamente átono, vem a transformar a sua intensidade somente com a sua injusta prisão e seu intenso desejo de vingança. Os mais elevados níveis acontecem nos atos de vingança executados por Dantès contra cada um dos responsáveis por sua tragédia, incluindo Mercedes, que também acaba sendo penalizada “indiretamente” por ele. Para Dantès, já como Monte-Cristo, o nível minimiza e passa a ser átono apenas quando ele conclui os seus planos e parte no mundo ao lado de Haydée. Em suma, toda obra se desenvolve a partir de um arco tensivo e desse modo, aqui, buscamos analisar como essas variações gerenciam toda a história, principalmente no que diz respeito ao modo como isso interfere nas relações polêmicas ou conflituosas entre os atores, como um efeito para sensibilizar ou atrair o destinatário leitor ao texto.

Essa pode ser considerada uma estratégia utilizada pelo gênero folhetim, pois eles eram publicados de forma parcial em jornais, e como tática para manter o público interessado em continuar a acompanhar a história até o final e gerar expectativa até a publicação seguinte, era necessário criar alternâncias de ritmos, com oposições, antagonismos, confrontos e conflitos, conforme pudemos explorar pela análise semiótica tensiva.

REFERÊNCIAS

- DUMAS, Alexandre. **O Conde de Monte Cristo**. Trad. Herculano Villas-Boas. São Paulo: Martin Claret, 2017.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. **Tensão e Significação**. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do Discurso**. Trad. Jean Cristtus Portela. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- MANCINI, R. Os modos de engajamento do leitor de Grande sertão: veredas em quadrinhos. **Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura**, [S. l.], v. 21, n. 1, 2019. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/12340>. Acesso em: 25 de agosto de 2023.
- MANCINI, Renata. A tradução enquanto processo. **Cadernos de Tradução**, [S. l.], v. 40, n. 3, p. 14–33, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2020v40n3p14>. Acesso em: 28 de agosto de 2023.
- TATIT, Luiz; BEVIDAS, Waldir. **Potencialidades da Narrativa Greimasiana**. Revista Estudos Semióticos (USP), vol. 14, n. 1, p. 45-54, março de 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/144309/138708>. Acesso em: 15 de julho de 2023.
- TATIT, Luiz. Bases do Pensamento Tensivo. **Revista Estudos Semióticos** (USP), v. 15, p. 11-26, abril de 2019a. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/156045/152316>. Acesso em: 10 de março de 2023.
- TATIT, Luiz. **Passos da Semiótica Tensiva**. São Paulo: Ateliê Editorial, maio de 2019b.

TATIT, Luiz. Claude Zilberberg e a Prosodização da Semiótica. **Actes Sémiotiques**, v. 123, p. 123, 2020. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/6466&file=1>. Acesso em: 12 de março de 2023.

ZILBERBERG, Claude. **Elementos de Semiótica Tensiva**. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

SILVA, JENNYFFER STEFFANNY PEREIRA.
A CONSTRUÇÃO DO PERCURSO TENSIVO NO
LIVRO "O CONDE DO MONTE CRISTO".
ENTREPALAVRAS, FORTALEZA, v. 14, n. 2,
E2802, p. 86-107, MAI.-AGO./2024. DOI:
10.22168/2237-6321-22802